

JORGE ALVES BARBOSA



HINO
A FREI JOÃO DA ASCENSÃO

*PARA CORO A 4 VOZES MISTAS
E ÓRGÃO*

Viana do Castelo – 2021

FREI JOÃO DA ASCENSÃO

1. O Venerável Frei João da Ascensão nasceu no dia 26 de Outubro de 1787, na freguesia de São Romão do Neiva, concelho de Viana do Castelo. Foi baptizado no Dia de Todos os Santos na igreja paroquial, com o nome de João Luís. Foram seus padrinhos Bernardo Peyxoto de Barros, seu tio materno e Doutor em Leis, e a Madre Rosa de Jesus Maria, religiosa beneditina, do mosteiro de Santa Ana de Viana do Castelo. Era filho legítimo de Manoel Dias Delgado e Francisca Maria Peyxoto. O pai provinha de uma família de lavradores abastados daquela freguesia e sua mãe, natural de Alvarães, pertencia a linhagem consagrada às leis. Do casal nasceram oito filhos; o sexto, Manoel Joaquim, ordenou-se sacerdote na Sé de Braga, e foi pároco de São Miguel de Alvarães; o oitavo é o nosso João Luís, que próximo dos 16 anos deixou a casa paterna, para entrar no Noviciado dos Carmelitas Descalços, no convento de Nossa Senhora dos Remédios, em Lisboa. Na família, aprendeu as primeiras letras e a língua e cultura latinas, o que não nos deve surpreender pois pode tê-las aprendido ou com o irmão P. Manoel Joaquim, ou na casa dos avós paternos, pois ali havia cabedal para tanto.

2. Entrou no Noviciado dos Carmelitas Descalços no dia 27 de Junho de 1803, onde recebeu o nome de Frei João de São Cirilo. Não conhecemos, porém, a origem da sua vocação carmelita. Se à data da tomada de hábito tinha já um irmão sacerdote na Arquidiocese de Braga, ignoramos por que razão João Luís não seguiu os passos de Manoel Joaquim. O certo é que na família existe uma fortíssima devoção mariana, como se pode verificar pela pequena capela dedicada à Virgem do Carmo existente na casa, encargo que parece ter recaído sobre os ombros do Pe. Manoel Joaquim e que ainda existe adossada à casa familiar; a proximidade do convento de Nossa Senhora do Carmo, de Viana do Castelo também não é de enjeitar. Ao todo foram dez anos de intensa formação nas ciências eclesiásticas, foi ordenado sacerdote nos dias de Natal de 1810, a 27 de Dezembro. Durante o triénio de Teologia Moral foi escolhido como passante, o que significava que, cursando como sacerdote, simultaneamente, era preparado como professor dos colégios da Ordem em Portugal.

3. Após os exames de Teologia Moral, em fins de maio de 1814, foi enviado de Braga para o pequeno convento do Carmo de Vila do Conde, onde permaneceu até ao verão de 1816. Os seus trabalhos foram ali os típicos dum sacerdote carmelita: com preponderância para o Ofício Divino, celebração da Missa e serviço de confissões. Se este nos parece hoje um programa pouco ousado, o certo é que a Frei João jamais se aplicará um refrão típico dos seus dias: “Na Igreja quem não sabe outra coisa diz Missa, na Revolução quem não sabe mais nada diz asneiras”. Além destas funções, cabia-lhe ainda a de sair do convento, juntamente com um companheiro, a pedir esmola, nas quintas e casais mais abastados das redondezas, ofício que visivelmente lhe repugnava. Talvez por isso, não espantará que, do final do Verão de 1816 ao Verão de 1817, optasse por ingressar, por um ano — de facto, não podia pedir mais que um ano — no mosteiro

de Santa Cruz do Buçaco, por ali se professar uma vida de profunda penitência e absoluta solidão, grandemente vivida em isolamento, nas ermidas espalhadas pelo frondoso monte do Buçaco.

4. Findo esse ano de solidão no Santo Deserto do Buçaco, o Capítulo Geral de Julho de 1817 entregou-lhe patente para ensinar, pelo que se pôs a caminho do convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora. Era o pino do Verão quando ali chegou. Uma vez ali, pontificou como presidente das conferências morais, cujo exercício comunitário apenas o ocupava uma vez por semana, sendo o resto do tempo ocupado em pregação, na igreja conventual e pelas redondezas, bem como na direcção espiritual. O tempo passado nessa região foi curto, mas a memória da sua pregação prolongou-se por décadas. No triénio de 1818-20, ensinou Filosofia no Colégio de São João da Cruz de Carnide, em Lisboa, e, entre 1820-26, Teologia Dogmática no Colégio de São José, em Coimbra. De 1829-32 ensinou Teologia Moral de novo em Évora. Em 1832, foi reeleito prior do Convento de São João da Cruz de Carnide, que viria a ser clausurado um ano depois, por ordem d'El Rei D. Pedro que, legislando a partir dos Açores, dava início à reforma geral eclesiástica. Durante o Verão, Frei João ter-se-á deslocado para o Convento do Carmo, dedicado a Santa Teresa de Jesus, em Santarém, donde saiu, segundo informação que possuímos, em Outubro desse ano para o de Braga, em cujo colégio superior deixou um punhado de jovens formandos.

Depois de instalar aquele pequeno grupo, aqui deve ter descansado uns dias, talvez até ao Natal, partindo depois para o Convento do Carmo em Viana do Castelo, onde permaneceu algum tempo, e donde teve de sair por ter começado a ser ali perseguido. Chegado à casa paterna, ali levou vida recolhida e discreta, celebrando Missa todos os dias, revestindo sempre o hábito castanho de Nossa Senhora do Carmo, donde lhe advieram incómodos vários, que o levaram a transferir-se para a casa de uma irmã, em Ponte da Barca. Ali continuou intensa vida de oração, sempre discreto, e revestido do hábito carmelita, celebrando Missa, abertamente, numa capela próxima. Mas também ali despontaram os incómodos, ao ponto de uma noite ter sido preso por uma chusma de janízaros. Encarcerado a sete chaves por entre graçolas e faltas de respeito, logo que apresentado a tribunal, prescindiu de defesa, preferindo defender-se a si mesmo, arguindo com tal acerto e sabedoria provando que o seu arresto contradizia as liberdades que a Carta Constitucional pronunciava, pois ela não permitia a prisão de alguém sem culpa formada. E foi liberto com as desculpas do tribunal, que o não obrigou a retirar o hábito. Regressou, novamente, a São Romão de Neiva, onde não pôde ficar por muito tempo, pois a sua presença já não era agradável mesmo entre os seus conterrâneos.

Diz-se ainda hoje que, ao ser dali escorraçado à pedrada, no lugar de Além do Ribeiro, já no limite da freguesia, virando-se, os invectivou declarando: *Fica-te, São Romão, e que não dês nem vinho nem pão!* Se é verdade ou não tal lenda, não sabemos, que ninguém o sabe de ciência certa; o certo é que no lugar donde Frei João se despediu dos seus ainda hoje as leiras estão pejudadas de pedrinhas que complicam o cultivo e a fecundidade dos campos. Existe, contudo, um contrapeso a esta lenda, pois segundo relata a memória popular, ao virar-se para a invectivar, lançou o seu cajado em direcção à freguesia e, no local onde este caiu, brotou uma fonte de água doce, que, segundo os mais antigos, jamais secou até aos dias de hoje.

5. Os últimos vinte e dois anos de vida foram vividos na cidade de Braga, em casas amigas,

vivendo da caridade cristã, quer de amigos quer de estranhos, lamentando sempre ser-lhes pesado naquilo mesmo que eles assumiam como honra e bênção. Dedicava-se intensamente à oração, segundo as regras da Ordem, à mortificação e à penitência (passando a rezar o *Breviário* de joelhos), a obras de caridade e sufrágio das almas, percorrendo incansável e demoradamente os claustros conventuais da cidade. Por onde passou era amável, humilde e bondoso, pelo que sempre foi mui respeitado, quer pelos simples com quem mais se identificava e a quem mais servia, quer pelas personagens ilustres da cidade e do reino. Sendo pobre e de tudo carecendo, nada pedia para si, mas promovia, o mais anonimamente possível, a ajuda a pessoas e famílias de pobreza envergonhada, e provia de formação e de dote as jovens mulheres que desejavam consagrar-se a Deus, nalgum mosteiro da região. A ele que em tudo e sempre apenas desejou ser carmelita perfeito, Braga de meados do séc. XIX chamou “o Fradinho do Carmo” e “o Santinho do Carmo”..

Morreu no Sábado, 16 de Março de 1861, depois de prolongada crise de escrúpulos causada não por defeitos reais, mas, segundo o que costuma suceder, por temor do menor defeito. O seu funeral realizou-se no dia 18, segunda-feira, e foi oficiado pelos seus irmãos carmelitas descalços ainda residentes na cidade e por mais alguns eclesiásticos. Acorreram àquelas celebrações fúnebres algumas pessoas respeitáveis da cidade, mais de cem alunos das aulas maiores do segundo e terceiro ano do Seminário Arquiepiscopal, e todos os alunos do Seminário de São Caetano, que instruía e encarreirava os órfãos da cidade. Sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Braga, do lado do Evangelho, junto do arco cruzeiro, encontra-se, hoje, porém, em lugar secundário e esquecido. Espantado com aquele fenómeno que marcava o seu tempo, o próprio Camilo Castelo Branco foi um dos que engrossaram a longa fileira de romeiros que visitavam o seu túmulo. Completam-se, neste ano de 2021, 160 anos sobre a sua morte.¹

¹ Cfr. FREI JOÃO COSTA OCD, “Contributo para o resgate da memória de Frei João da Ascensão, Camelita Descalço (São Romão de Neiva, 1787-Braga, 1861)”, in *Boletim de Espiritualidade*, n. 075, 2020.

Hino a Frei João da Ascensão - Texto

[nos 160 anos da sua morte]

Refrão

*Cantemos os louvores do fiel servo
Da vinha fecunda do Senhor:
Por João d'Ascensão sorriu-nos Deus
E abriram-se no alto os claros céus,
Floriu para sempre o seu amor.*

1.

Na pobreza do Senhor
Encontrou modo de vida,
Transfigurou-se com Cristo
E a sua cruz foi cumprida.

2.

De Neiva a Braga levou
Um testemunho fiel
De viver como Jesus,
Num mundo triste e cruel.

3.

Ele quis ser vinha santa,
Da Igreja do Senhor,
Principiou no Carmo
Uma vida só de amor.

4.

Do Senhor foi sacerdote
Ministro da salvação,
Por vigor, sua palavra
Falou sempre ao coração.

5.

Ensinando e pregando
A quantos qu'riam ouvir,
Já preparava o dia
Desse reino que há de vir.

6.

Na contemplação foi fonte,
Por graça e claridade,
A jorrar em abundância
Fé, esp'rança e caridade.

7.

No exercício da piedade
Não cantou nenhum lamento,
Pois Deus por ele fez graça
A toda a hora e momento.

8.

Não tirava o escapulário,
Lembrando a Virgem Maria,
Ao som dos sinos rezava
E a Flor do Carmo sorria.

9.

Viveu de quanto lhe davam
Sem aos seus nada pedir,
Pois bastava que a vontade
De seu Deus pudesse cumprir.

10.

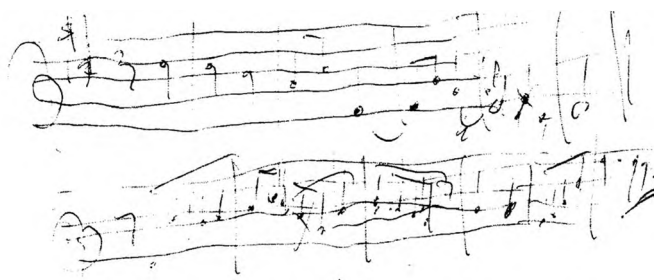
Ao chegar a sua hora
Abriram-se-lhe os céus,
Desde Braga pois jacente
Via o regaço de Deus.

Hino a Frei João da Ascensão - Música

Um inesperado e surpreendente pedido, em mensagem de *e-mail* do amigo José Carlos Lopes de Miranda, propunha-me a colaboração no sentido de escrever a música de um *Hino em louvor de Frei João da Ascensão*, iniciativa do seminarista diocesano João Santos, conterrâneo do ilustre Venerável, para o que me foi enviado o texto biográfico precedente, bem como o respectivo poema da autoria de Bruno Pinto.

Uma primeira leitura do texto poético de imediato me levou a responder positivamente a tal solicitação pois revelava não apenas um panorama bem conseguido dos elementos essenciais da respectiva biografia, mas também respeitava as características e exigências irrenunciáveis de um texto hímnico. A sua concretização implicaria apenas alguns acertos ao nível da acentuação, de modo a permitir que as diferentes estrofes do texto se pudessem enquadrar numa estrutura melódica única, condição essencial na composição musical de um Hino.

Enviada a resposta, a respectiva melodia foi-se logo delineando mentalmente, durante a caminhada habitual nessa tarde de Sábado, dando origem a um apontamento estenográfico, escrevinhado no verso de um talão de multibanco que constituiria a base da música... De seguida, foi apenas o trabalho de colocar as ideias no seu lugar, ou seja, as notas na pauta, e elaborar a respectiva partitura, no que restava de tarde...



Optei por uma estrutura-base para Coro a quatro vozes mistas, com acompanhamento de Órgão; nas estrofes, dada a brevidade dos versos, sete sílabas, optei por fazer dialogar as vozes femininas com a masculinas, em grupos de duas a duas. No entanto, nada impede que todas as estrofes sejam cantadas apenas por um dos grupos e até, por uma só das vozes. O mesmo se diga do Refrão que poderá, em último caso, ser cantado por uma, duas (SC ou ST) ou, três (SCT ou SCB).

Viana do Castelo 19 de Abril de 2021.

Jorge Alves Barbosa

Jorge Alves Barbosa

HINO

A FREI JOÃO DA ASCENSÃO

[NO 160.º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE]

Poema de Bruno Pinto

para Coro a 4 vozes mistas e Órgão

Viana do Castelo - 2021

HINO A FREI JOÃO DA ASCENSÃO

[NO 160.º ANIVERSARIO DA SUA MORTE]

Texto de Bruno Pinto

Música de Jorge Alves Barbosa
(2021)

Moderato ♩ = 80

The musical score is written for Soprano, Contralto, Tenor, and Baixo voices, along with Organ. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The tempo is Moderato, with a metronome marking of ♩ = 80. The organ part begins with a forte (f) dynamic. The vocal parts enter at measure 6 with a mezzo-forte (mf) dynamic. The lyrics are: "Can - te - mos os lou - vo - res do fi - el ser - vo Da". The organ accompaniment features a steady rhythmic pattern in the right hand and a more melodic line in the left hand. The score includes a repeat sign and a 3/4 time signature change at the end of the first system.

SOPRANOS

CONTRALTOS

TENORES

BAIXOS

Órgão

6

mf Can - te - mos os lou - vo - res do fi - el ser - vo Da

mf Can - te - mos os lou - vo - res do fi - el ser - vo Da

mf Can - te - mos os lou - vo - res do fi - el ser - vo Da

mf Can - te - mos os lou - vo - res do fi - el ser - vo Da

12

vi__ nha fe - cun - da do Se - nhor; Por Jo - ão d'As-cen -

vi__ nha fe - cun - da do Se - nhor; Por Jo - ão d'As-cen -

vi__ nha fe - cun - da do do Se - nhor.

vi__ nha fe - cun - da do Se - nhor;

cresc.º

17

são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no al - to os cla-ros céus, —

são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no al - to os cla-ros céus, —

Por Jo - ão d'As-cen - são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no al - to os

Por Jo - ão d'As-cen - são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no al - to os

23

f *rall.°*

Flo - riu p'ra sem pre o seu a mor.

Flo - riu p'ra sem pre o seu a - mor.

f

céus. Flo - riu p'ra sem pre o seu a -

f

céus. Flo - riu p'ra sem - pre o seu a - mor.

29

p

1. Na po - bre - za do Se - nhor, En - con - trou mo - do de vi - da; Trans - fi - gu -
 3. E - le quis ser vi - nha san - ta Da I - gre - ja do Se - nhor Pri - ci - pi -

p

1. Na po - bre - za do Se - nhor, En - con - trou mo - do de vi - da;
 3. E - le quis ser vi - nha san - ta Da I - gre - ja do Se - nhor

mor.

35

rou - se _____ com Cris - to, _____ E a su - a Cruz _____ foi
ou _____ no Car _____ mo, _____ U - ma vi - da só _____ de _____

Trans - fi - gu - rou - se _____ com Cris - to, _____ E a su - a Cruz
Prin - ci - pi - ou _____ no Car _____ mo _____ U - ma vi - da só _____

41

cum - pri - da.
a - mor.

foi cum - pri - da.
de a - mor.

p

2. De Nei - va a Bra - ga le - vou Um tes - te - mu - nho fi -
4. Do Se - nhor foi Sa - cer - do - te Mi - nis - tro da sal - va -

p

2. De Nei - va a Bra - ga le - vou Um tes - te - mu - nho fi -
4. Do Se - nhor foi Sa - cer - do - te Mi - nis - tro da sal - va -

47

el; De vi - ver co mo Je - sus,
 ção Por - vi - gos, su a pa - la

el; De vi - ver - co mo Fe - sus,
 ção Por vi - gor, su a pa - la vra,

52

vra, Num mun - do tris te e cru - el. Can -
 Fa - lou sem - pre ao co - ra - ção.

Num mun - do tris te e cru - el. Can -
 Fa - lou - sem - pre ao co - ra - ção

HINO A FREI JOÃO DA ASCENSÃO

[NO 160.º ANIVERSARIO DA SUA MORTE]

Texto de Bruno Pinto

Música de Jorge Alves Barbosa
(2021)

Moderato $\text{♩} = 80$

6 *mf* Can - te - mos os lou - vo res do fi - el ser - vo Da

6 *mf* Can - te - mos os lou - vo res do fi - el ser - vo Da

6 *mf* Can - te - mos os lou - vo res do fi - el ser - vo Da

6 *mf* Can - te - mos os lou - vo res do fi - el ser - vo Da

12 *cresc.º*

vi - nha fe - cun - da do Se - nhor; Por Jo - ão d' As - cen -

vi - nha fe - cun - da do Se - nhor; Por Jo - ão d' As - cen -

vi - nha fe - cun - da do do Se - nhor.

vi - nha fe - cun - da do Se - nhor;

17

são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no al to os

são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no al - to os

Por Jo - ão d'As-cen - são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no

Por Jo - ão d'As-cen - são sor-riu-nos Deus E a - bri-ram-se no

22

cla-ros céus, Flo - riu p'ra sem pre o seu a mor.

cla-ros céus, Flo - riu p'ra sem pre o seu a - mor.

al to os céus. Flo - riu p'ra sem pre o seu a -

al to os céus. Flo - riu p'ra sem - pre o seu a - mor.

29

1. Na po - bre - za do Se - nhor, En - con - trou mo - do de vi - da;

3. E - le quis ser vi - nha san - ta Dal - gre - la do Se - nhor

5. En - si - nan - do e pre - gan - do, A quan - tos qu'ri - am ou - vir

7. No e - xer - cí - cio da pie - da - de Não can - tou ne - nhum la - men - to,

9. Vi - veu de quan - to lhe da - vam Sem aos seus na - da pe - dir,

mor...

34

Trans - fi - gu - rou - se com Cris - to, E a su - a Cruz

Pri - ci - pi - ou no Car - mo, U - ma vi - da só

Já pre - pa - ra - va o di - a Des - se Rei - no que

Pois Deus por e - le fez gra - ça A to - da a ho - ra

Pois bas - ta - va que a von - ta - de Do seu Deus pu - des

40

— foi cum - pri - da.
 — de a - mor
 — há de vir
 — e mo - men - to.
 — se cum - pri - r.

su - a Cruz foi cum - pri - da.
 vi - da só de a - mor.
 Rei - no que há - de vir.
 da a ho - ra e mo - men - to.
 Deus pu - des se cum - pri - r.

2. De Nei - va a Bra - ga le -
 4. Do Se - nhor foi Sa - cer -
 6. Na con - tem - pla - ção foi
 8. Não ti - ra - va o Es - ca - pu -
 10. Ao che - gar a su - a

2. De Nei - va a Bra - ga le -
 4. Do Se - nhor foi Sa - cer -
 6. Na con - tem - pla - çãl foi
 8. Não ti - ra - va o Es - ca - pu -
 10. Ao che - gar a su - a

45

vou Um tes - te - mu - nho fi - el
 do - te Mi - nis - tro da sal - va - ção
 fon - te Por gra - ça e cla - ri - da de,
 lá - rio, Lem - bra - do a Vir - gem Ma - ri a,
 ho - ra A - bri - ram - se - lhe os Céus.

vou Um tes - te - mu - nho fi - el; De vi - ver -
 do - te Mi - nis - tro da sal - va - ção Por vi - gor,
 fon - te Por gra - ça e cla - ri - da - de A jor - rar
 lá - rio, Lem - bran - do a Vir - gem Ma - ri a Ao som dos
 ho - ra A - bri - ram - se - lhe os Céus; Des - de Bra -

49

De vi - ver co_____ mo_____ Je - sus, _____
 Por - vi - gos, su_____ a_____ pa - la_____ vra, _____
 A jor - rar em_____ a_____ bun - dãn_____ cia, _____
 Ao som dos si - nos re - za_____ va_____
 Des - de Bra - ga_____ pois, ja - cen_____ te, _____

co_____ mo_____ Je - sus, _____ Num_____
 su_____ a_____ pa - la_____ vra, _____ Fa - lou
 em a_____ bun - dãn_____ cia_____ Fé, Es -
 si - nos_____ re - za_____ va_____ E a
 ga_____ pois_____ ja - cen_____ te, _____ Vi - a

53

— Num_____ mun - do tris_____ te e cru - el. Can -
 — Fa - lou sem - pre ao_____ co - ra - ção.
 — Fé, Es - p'ran - ça e Ca_____ ri - da - de.
 — E a Flor do Car - mo sor - ri - a.
 — Vi - a o re - ga_____ ço de Deus.

mun - do tris_____ te e_____ cru - el_____ Can -
 sem - pre ao_____ co_____ ra - ção_____
 p'ran - ça e_____ Ca_____ ri - da - de.
 Flor do Car_____ mo sor - ri - a...
 o re - ga_____ ço_____ de Deus._____

